



4

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO é professora de Teoria Literária da USP e autora de *Mitologia Rosiana* e *No Calor da Hora* (ambos da Editora Ática).

Canudos, Euclides e nosso primeiro reitor



A propósito da correspondência de Euclides da Cunha (1), observa-se que dela pouco resta de antes que o escritor se alçasse à fama com a publicação de *Os Sertões*, em 1902 - com exceção das cartas dirigidas a Reinaldo Porchat, futuro primeiro reitor da USP. Não fosse esse acervo, até hoje inédito (2), quase nada se saberia, de mão própria, dessa fase da vida do escritor.

Essa posição privilegiada, atingida por Euclides a partir de dezembro de 1902, data de cinco anos após o término da guerra de Canudos em outubro de 1897. Daí para a frente, intensificou-se de modo apreciável o volume da correspondência ativa do escritor ciosamente guardada por seus destinatários.

Mesmo assim, interveio no processo uma “vontade de preservação”, como aquela exemplar, demonstrada por Reinaldo Porchat e seus descendentes. A morte inesperada e trágica do escritor, em 1909, instigou um grupo de ami-

gos e admiradores, com Venâncio Filho e Edgard Sussekind de Mendonça à frente, a fundar no Rio de Janeiro o Grêmio Euclides da Cunha, destinado a cultuar sua memória. O grupo passa a se reunir anualmente em torno do túmulo do escritor e a prestar-lhe homenagem no aniversário de sua morte, a 15 de agosto. Além disso, o grupo se dedica a reunir materiais diversos, como cartas, discursos, fragmentos, inéditos, poemas, que vão sendo publicados a partir de 1914 na *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*. E inicia uma campanha no sentido de solicitar a todos os possuidores de cartas do escritor que façam doação delas ao arquivo do Grêmio. Aí reside o embrião do grande acervo epistolar que o Grêmio, hoje sediado na cidade paulista de São José do Rio Pardo, onde se realiza todo ano a Semana Euclidiana, veio a acumular.

Por seu lado, a Academia Brasileira de Letras também cuidou de recolher correspondência deste seu ilustre membro, passando a publicá-la em sete números sucessivos de sua revista, em 1930 e 1931 (nº 106 a 112).

Afora as coleções em poder de particulares (como a das cartas a Reinaldo Porchat, pertencentes a sua nora Eunice Alves de Lima Porchat) ou constantes de pequenos acervos institucionais (como a Oliveira Lima Library, em Washington, ou o Arquivo Alexandre Eulálio, na Unicamp), o Grêmio e a Academia vieram assim a constituir verdadeiros tesouros de autógrafos epistolares euclidianos.

A amizade entre Euclides e Reinaldo Porchat nasceu no círculo de convivência constituído no jornal *O Estado de S. Paulo* e suscitado pela figura de Júlio Mesquita. Nosso primeiro reitor já integrava esse círculo quando o escritor, que vivia no Rio, veio a residir por um ano, o de 1889, em São Paulo. A essa altura, Euclides, que estudava na Escola Militar, foco de agitação antimonarquista, praticara um gesto de rebeldia que dera o que falar. Quando Tomás Coelho, ministro da Guerra e portanto representando a autoridade imperial, passava as tropas perfiladas em revista no recinto da escola, à voz de apresentar armas o então cadete atirou seu sabre ao chão. Preso e depois expulso da escola, Euclides vai para São Paulo, onde o grupo de *O Estado de S. Paulo*, num baluarte contra o regime, o acolhe com favor. O escritor passa esse ano publicando no jornal ferventes artigos de propaganda republicana. Esse é o episódio

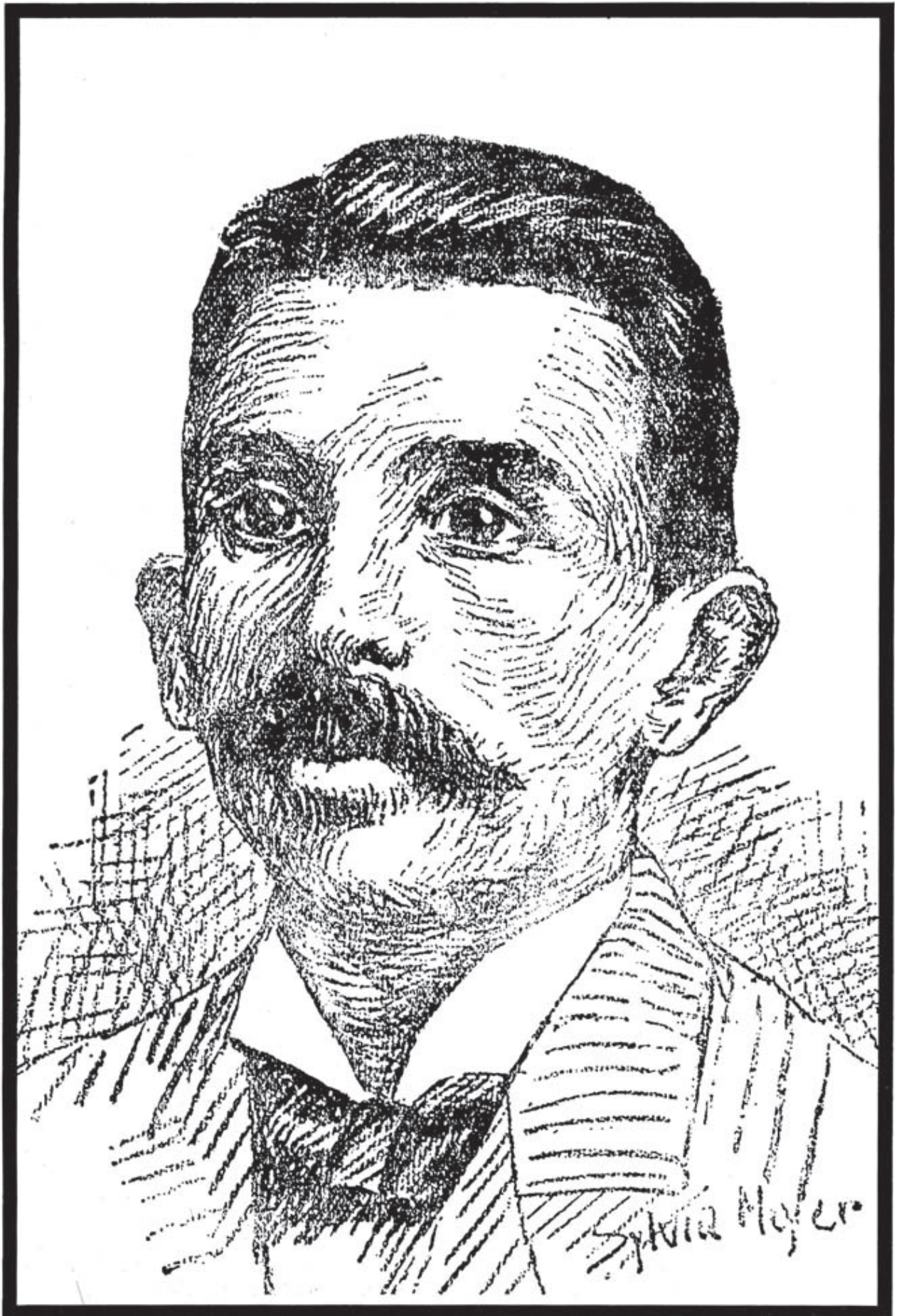
que, por vias transversas, está na raiz da amizade duradoura entre ambos: a última carta a Reinaldo Porchat é de 1909, ano da morte do escritor.

Com este lote de correspondência, Reinaldo Porchat passa a ocupar o posto de segundo maior destinatário de Euclides. E só perde para o imbatível Francisco de Escobar, influente advogado e político mineiro, intendente de São José do Rio Pardo à época em que Euclides lá viveu e trabalhou como engenheiro da Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo, escalado para reconstruir a ponte sobre o Rio Pardo que uma enchente levava de roldão. Escobar, futuro prefeito de Poços de Caldas, era um homem culto e erudito, possuidor de notável biblioteca, e tornou-se o interlocutor assíduo de Euclides no período tormentoso em que redigiu *Os Sertões*, naquela cidade, e por muitos anos depois.

A carta a Porchat que vai adiante estampada foi escolhida dentre as raras que aludem à Guerra de Canudos. Euclides escreveu-a de Salvador, Bahia, quando a caminho da conflagração sertaneja.

Para completar o quadro, seguem-se mais duas cartas, com referências ao mesmo assunto. Uma palavra sobre este outro destinatário, João Luís Alves, de quem Euclides se tornou amigo quando foi morar em Campanha, Minas Gerais, vindo do Rio, para trabalhar na Diretoria de Obras Militares daquele estado. Consta que essa transferência teria encoberto uma punição. Com efeito, Euclides, que à época ainda era oficial do Exército - do qual veio a reformar-se aos trinta anos - enviara no começo do ano duas cartas abertas à *Gazeta de Notícias*. Nestas, protestava com veemência contra a sugestão do senador Tomás Cordeiro de que se dinamitassem as cadeias nas quais se confinavam os presos políticos da Revolta da Armada, ocorrida ali mesmo na Baía de Guanabara. Teria por isso caído em desgraça junto aos poderosos do governo Floriano Peixoto, sendo enviado para a distante Campanha. Lá chegando, fez vários e bons amigos, com quem se correspondeu por largo tempo após ter-se mudado dali. Um deles foi João Luís Alves, advogado mineiro que fez carreira política, tornando-se sucessivamente deputado, senador, ministro da Justiça e do Supremo Tribunal.

As três cartas, nas linhas gerais, confirmam a idéia inteiramente negativa que Euclides fazia a propósito do levante de



Canudos, e da qual *Os Sertões* viriam a ser um portentoso desmentido.

Porchat

Bahia - 20-8-97

Desejo-te saúde e felicidades assim como a toda a família.

Ainda aqui: estou há quinze dias e deves avaliar com que contrariedade. Estou bom, porém, e animado. Infelizmente o ministro não permitiu que eu o precedesse e fosse esperá-lo em Canudos; de sorte que temo não ir a tempo de assistir a queda do arraial maldito.

A vida aqui além de insípida é lúgubre - uma distração única - assistir à chegada dos feridos, assistir à partida de tropas. Uma coisa pavorosamente monótona. Custa-me a suportar a empresa - suportá-la-ei, porém, inflexivelmente; a despeito de tudo. Basta dizer-te que depois de grande constipação assaltou-me a hemoptise habitual, ontem. Nada disto, porém, me desanima; irei até aonde me levar o último resto de energia e só voltarei quando a marcha para a frente for um suicídio. Saudades ao Nogueira, saudades a todos os amigos e recomenda a toda a tua digna família o

Amigo

Euclides

Escreva-me para o Banco Comercial, aos cuidados do Sr. José Rodrigues Pimenta da Cunha - Bahia

São Paulo, 14 de março de 1897.

João Luís

Saúde e felicidades. Desejamos eu e a Saninha que você, a D. Fernandina e toda a família estejam de perfeita saúde e felizes.

Apesar de um longo silêncio de que não sou culpado porque fui o último a escrever-te, lá vai esta carta dizer-te que não me esqueço do digno correligionário e amigo. Além disto, nesta aterradora quadra de desastres é necessário que procuremos os irmãos de crenças, únicos que nos podem compreender. Creio que como eu estás ainda sob a pressão do deplorável revés de Canudos aonde a nossa República tão heróica e

tão forte curvou a cerviz ante uma horda desordenada de fanáticos maltrapilhos...

Que imensa, que dolorosa, que profunda e que esmagadora vergonha, meu caro João Luís!

O nosso belo ideal político - estes fatos o dizem eloqüentemente - continua assim sacrificada pelos políticos tontos e egoístas que nos governam.

O que diz de tudo isto o nosso incorruptível e sincero correligionário, o Dr. Brandão? Eu imagino senão o desalento profundo a tristeza enorme que o assalta.

Felizmente a geração heróica de 15 de novembro está ainda robusta e, ao que parece, pouco disposta a deixar que extingam a sua mais bela criação.

Procurando ser otimista (difícil cousa nestes tempos maus!) vejo nesta situação dolorosa um meio eficaz para ser provada a fé republicana. Não achas que ela resistirá brilhantemente - emergindo amanhã, rediviva dentre um espantoso acervo de perigos? Eu creio sinceramente que sim.

Adeus. Dê por mim um abraço em nossos amigos Dr. Brandão e Bernardo Veiga; um aperto de mão em todos os correligionários - e dispõe de quem é com estima real

Amº Adºr.

Euclides da Cunha

Rua Santa Isabel, 2

(À MARGEM) Quando vens até cá?

São Paulo, 1 de abril de 1897.

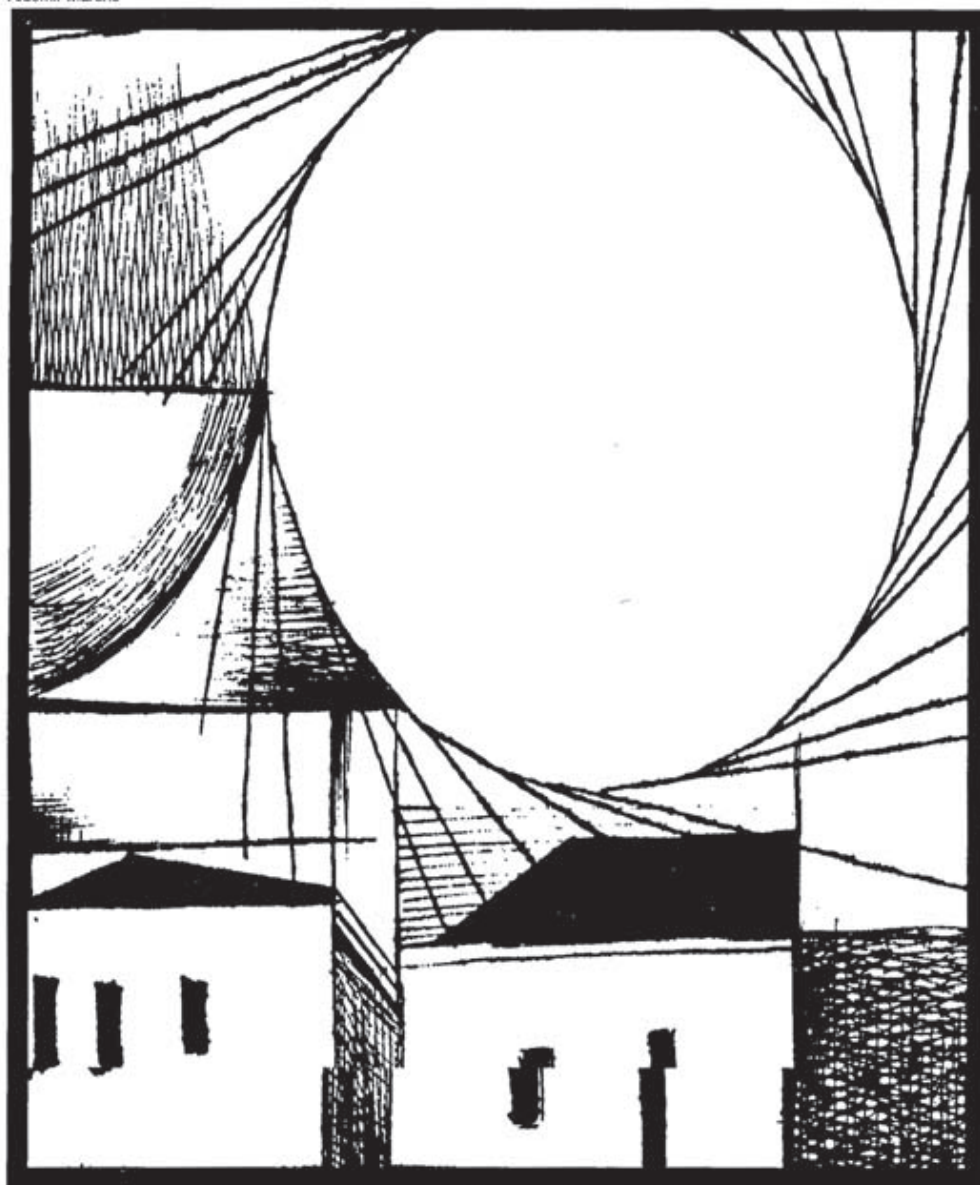
João Luís

Desejo-te saúde e felicidades - assim como a toda a família.

Recebi a tua carta e respondo-a prontamente - exemplo digno de ser seguido. É escusado dizer, considerando o assunto capital de que trata - que estamos afinados pelo mesmo diapasão.

Comprendo a situação como a comprehendes e alentam-me as mesmas esperanças. Entretanto assalta-me profunda tristeza: é ver sobre a débacle material de tudo neste país, a débacle gravíssima de coisas que em geral se conservam intactas no meio das maiores catástrofes. O que me impressiona não são as derrotas - são as derrotas sem combate - em que o chão fica vazio de mortos e o exército se transforma num bando de fugidos!

Nunca supus que fôssemos passíveis de



desastres desta ordem!

NUNCA!

Será possível que a nossa República tenha quadros de tal ordem, que lembram os últimos dias do Baixo Império?

Descrente destas cousas, descrente desta terra - aonde lamento ter nascido - eu creio entretanto na vitalidade de um princípio. A República é imortal, e já que temos a felicidade de possuí-la, eu acredito que ela afinal galvanizará este povo agonizante e deprimido.

Aquele lamento acima escrito, não acredites seja apenas uma expressão sentimental - é um produto consciente, exprime realmente a mágoa, mais profunda que tenho.

Acho, realmente, ridículo o título de filho desta terra depois da vasta série de es-

cândalos de toda sorte com que ela tem desmoralizado a História!

Não digas isto ao Dr. Brandão - não desejo que ele saiba que me invadiu este depauperante pessimismo. Que tenham ao menos esperanças os velhos-moços, conforme dizes bem, já que os moços envelheceram cedo, atravessando a Selva oscura das nossas grandes misérias...

Vou encerrar esta carta que está assumindo aspecto demasiado lúgubre. Pa. outra vez conversaremos mais longamente. Responda-me logo para a Rua de Sta. Isabel nº 2, aonde ainda estou.

A minha família recomenda-se à tua.
Abraça-te o Am^o.

Euclides da Cunha